



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
VII SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
VI CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

(Eixo Ordem patriarcal de gênero e relações sociais de sexo)

Corpos em movimento: estigma e resistência na prostituição do interior sul-mato-grossense

Mary Celina Ferreira Dias¹

Resumo: Este artigo analisa as narrativas sobre a prostituição em Nova Andradina-MS, explorando como as experiências femininas e as percepções sociais são moldadas por estruturas patriarcais. Fundamentada no interacionismo simbólico e em uma etnografia multicentrada, a pesquisa investiga o conceito de "corpos em movimento" como metáfora para resistências e negociações de identidades frente ao estigma e à marginalização. Os resultados revelam que a prostituição atua como um campo de forças onde a ordem social, baseada na tríade "padre, polícia e puta", é simultaneamente mantida e subvertida pela agência das mulheres, desafiando discursos hegemônicos de vitimização e culpabilização.

Palavras-chave: Prostituição; estigma; patriarcado; etnografia.

Abstract: This article analyzes narratives about prostitution in Nova Andradina-MS, exploring how women's experiences and social perceptions are shaped by patriarchal structures. Based on symbolic interactionism and multicentered ethnography, the research investigates the concept of "bodies in motion" as a metaphor for resistance and identity negotiation in the face of stigma and marginalization. The results reveal that prostitution acts as a field of forces where social order, based on the triad "priest, police, and whore," is simultaneously maintained and subverted by women's agency, challenging hegemonic discourses of victimization and culpability.

Keywords: Prostitution; stigma; patriarchy; ethnography.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo, derivado de uma dissertação de mestrado em Antropologia (Dias, 2024), propõe uma análise das narrativas sobre a prostituição na cidade de Nova Andradina-MS. A pesquisa original, que se dedicou a compreender a prostituição como um elemento relevante na construção identitária local e nas dinâmicas de estigmatização e desvio, será aqui expandida para explicitar como as experiências das mulheres e as percepções sociais sobre a prostituição são intrinsecamente moldadas e perpetuadas por estruturas patriarcais.

¹ Bibliotecária/Documentalista, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Bibliotecária/Documentalista – Professora da Pós graduação em História, Educação, Cultura e Direitos Humanos UFMS/CPNA), Doutoranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, Mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. marycelina@gmail.com.



O conceito de "corpos em movimento", central na dissertação, será explorado não apenas em sua literalidade geográfica - os deslocamentos entre diferentes "territórios" como ruas, espaços virtuais e estabelecimentos comerciais - e subjetiva - as transformações internas e renegociações de identidades. Ele será analisado como uma metáfora para as resistências, as agências e as complexas negociações de identidades femininas que ocorrem em um contexto social que impõe normas rígidas de sexualidade, moralidade e comportamento para as mulheres. A fluidez e a complexidade das vidas dessas mulheres, marcadas por contínuos processos de deslocamento e transformação, serão destacadas como formas de agência em face das opressões.

A abordagem metodológica etnográfica multicentrada, que incluiu doze meses de observação participante em um cabaré e interações em outros espaços da cidade, foi o caminho para acessar as múltiplas camadas de significado e as vozes silenciadas. Através dessa imersão, busca-se demonstrar como a estigmatização da prostituição não é um fenômeno isolado, mas um reflexo direto e uma ferramenta crucial na manutenção de uma ordem de gênero que sistematicamente subalterniza, controla e disciplina o corpo feminino.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de dar voz ativa a essas mulheres em um debate frequentemente dominado por discursos oficiais que oscilam entre a vitimização e a culpabilização. Para tanto, o estudo adota o interacionismo simbólico de Howard Becker (2008), Erving Goffman (2008) e Gilberto Velho (2003) para compreender como o "olhar que olha, mas não vê" da sociedade local contribui para a manutenção de uma ordem social baseada no estigma.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A prostituição como fenômeno social: estigma, desvio e a manutenção da ordem patriarcal

A prostituição, longe de ser um fenômeno isolado, constitui um campo complexo de intersecções sociais, econômicas e culturais, intrinsecamente ligada às relações sociais de sexo e à ordem patriarcal de gênero que historicamente definem os papéis, as expectativas e as sanções para homens e mulheres.

A história de Nova Andradina-MS é intrinsecamente ligada a uma narrativa de poder patriarcal. O próprio fundador da cidade, Antônio Joaquim de Moura Andrade, estabeleceu que para se fundar uma cidade eram necessários "três P's: padre, polícia e puta". Essa tríade simboliza os pilares de controle moral, segurança e comércio sexual que sustentam a organização social nos tempos da "Marcha para o Oeste"²,

² Marcha para o Oeste foi uma política pública promovida pelo governo de Getúlio Vargas no contexto do Estado Novo (1937-1945) com o objetivo de promover a ocupação e o desenvolvimento das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil, convém observar, conforme argumenta Martins (2022), que a ideia de extensões vazias ou disponíveis para ocupação não se sustenta historicamente, tampouco corresponde à imagem de um país rarefeito em termos populacionais, tal como difundia o Departamento de Imprensa e Propaganda durante o governo de Getúlio Vargas.



Nesse contexto, o padre representa a moralidade religiosa que santifica o sexo reprodutivo e marginaliza qualquer expressão dissidente; a polícia atua como braço da ordem e do controle social; e a puta surge como a figura necessária, porém segregada, para a manutenção do equilíbrio homossexual da família nuclear. Essa estrutura reflete uma herança colonial e elitista, onde os sobrenomes dos "pioneiros"³ dominam a onomástica urbana e os monumentos, enquanto trabalhadores e mulheres da "vida" são apagados da história oficial ou relegados ao plano do "mal necessário".

A sociedade patriarcal, em sua dualidade moral, ao mesmo tempo em que tolera, se beneficia e, por vezes, fomenta a existência da prostituição como uma válvula de escape para a sexualidade masculina, estigmatiza e marginaliza as mulheres que a praticam. Essa dinâmica cria uma dicotomia socialmente construída entre a "mulher respeitável" - aquela que se alinha aos ideais de pureza, recato e domesticidade - e a "mulher desviante" - aquela que transgredir essas normas, especialmente no que tange à sexualidade. Essa dicotomia não é meramente descritiva, mas opera como um poderoso mecanismo de controle social, visando manter a hegemonia masculina e a subordinação feminina, limitando severamente a autonomia e a agência das mulheres sobre seus próprios corpos, sexualidades e projetos de vida (Butler, 2018).

A estigmatização, conforme as análises de Becker (2008) sobre o desvio e Goffman (2008) sobre o estigma, não é apenas uma marca social atribuída, mas um processo ativo de construção de identidades que desqualifica o indivíduo e o relega à margem da sociedade. No contexto da prostituição, essa estigmatização é intensificada pelas expectativas de gênero que associam a sexualidade feminina à pureza, à monogamia e à reprodução, valores que são pilares da ordem patriarcal e que servem para justificar a marginalização das mulheres que não se encaixam nesses padrões (Colling, 2014). A desumanização e a objetificação do corpo feminino na prostituição são, portanto, reflexos diretos da manutenção de uma estrutura de poder que busca controlar a sexualidade e a autonomia das mulheres.

A "culpa" e a "vitimização" atribuídas às prostitutas, são manifestações da tentativa da sociedade patriarcal de controlar a sexualidade feminina e de punir aquelas que transgridem os limites impostos, reforçando a ideia de que a mulher deve ser passiva e controlada em sua sexualidade.

Dentro das sociedades ocidentais, a ordem patriarcal estabelece uma dicotomia rígida entre a "dona de casa" (esfera privada) e a "prostituta" (esfera pública). O termo "mulher pública" carrega o peso de pertencer a todos, sendo alvo constante de vigilância e intervenção externa. A prostituta é percebida como uma ameaça à coesão social e à moralidade virtuosa, servindo como contraponto à imagem sagrada da esposa casta.

O território onde hoje se encontra o município de Nova Andradina integra áreas tradicionalmente vinculadas aos povos originários Ofaié.

³ Coloco o termo "pioneiro" entre aspas porque a literatura recente que mobiliza perspectivas decoloniais e os estudos regionais problematizam o conceito ao mostrar que ele tende a naturalizar e neutralizar a apropriação violenta do território, bem como o apagamento das populações indígenas e de outras populações autoctones; por isso muitos autores preferem os termos colonizador ou colonização quando se pretende explicitar relações de poder, racismo e violência estatal no processo de povoamento (Cardenal; Coron; Weding, 2025).



Contudo, a pesquisa apresenta que o desvio não é uma característica intrínseca, mas um processo de rotulagem. As elites locais utilizam a distinção entre "normal" e "desvio" para manter estruturas de poder, criminalizando a pobreza e reforçando estereótipos que negligenciam a agência dessas mulheres

A sociedade, ao mesmo tempo em que empurra as mulheres para a prostituição (muitas vezes por condições socioeconômicas precárias, resultado de desigualdades estruturais que também são alimentadas pelo patriarcado), também as condena, relegando-as à margem e desvalorizando-as. Essa dinâmica perversa é um reflexo da ordem patriarcal, que estabelece padrões morais duplos: um para homens, que frequentemente têm sua sexualidade celebrada ou, no mínimo, tolerada, e outro para mulheres, cuja sexualidade é rigidamente controlada e moralizada. A visibilidade da mulher, como apontado por Tedeschi (2012, p.125), é frequentemente reduzida à sua sexualidade e ao corpo, especialmente quando se trata de figuras como as prostitutas, bruxas ou rebeldes.

A visibilidade da mulher é a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreu ou que praticou, da sua loucura, de seus sentimentos etc. Sua história é, igualmente, a das representações que fazem odiar, como as que cercam as bruxas, as lésbicas, as prostitutas, as rebeldes, as anarquistas, as loucas. As mulheres aparecem de uma história ditada pelas fontes documentais, fontes de mudanças estruturais no mundo político, econômico, religioso. Elas circulam em documentos de toda a sorte: processos de inquisição, greves, leis, livros, crônicas de viagem, atas de batismo, diários, fotos, relatório médicos, jornais, pinturas, policiais.

Essa redução é uma estratégia patriarcal para desumanizar, objetificar e controlar, negando a agência, a subjetividade e a complexidade das experiências femininas. A construção social da "puta" como o oposto da "mulher honesta" é um pilar fundamental para a manutenção dessa ordem, servindo como um alerta e um mecanismo de coerção para todas as mulheres (Foucault, 2012).

2.2 A etnografia multicentrada e a desconstrução de narrativas dominantes

A etnográfica multicentrada, empregada na pesquisa, mostrou-se fundamental para capturar a complexidade das vivências das mulheres e as diversas percepções sobre a prostituição em Nova Andradina. Essa abordagem, que se desdobrou em múltiplos cenários - desde a imersão no Cabaré Glória⁴, passando pelas interações nas ruas da cidade, até os encontros no balcão da biblioteca da UFMS - permitiu uma compreensão mais nuancada das interações sociais e das construções de significado em torno da prostituição. A riqueza dessa perspectiva multicentrada reside na capacidade de transcender visões monolíticas e de mostrar-se as dinâmicas sociais que operam em diferentes esferas da vida das mulheres e da comunidade.

As interações com os(as) interlocutores(as) da pesquisa demonstraram que a percepção da prostituição é frequentemente influenciada por discursos hegemônicos de

⁴ Nome fictício.



culpabilização, vitimização e estigmatização. Esses discursos não são neutros; são produtos de uma moralidade social profundamente enraizada no patriarcado, que busca controlar a sexualidade feminina, delimitar os espaços de atuação das mulheres e manter a hierarquia de gênero. A pesquisa, ao dar voz às mulheres envolvidas na prostituição e ao explorar as diferentes perspectivas - tanto das próprias mulheres quanto daquelas que as "olham mas não veem" - contribui significativamente para desafiar essas narrativas hegemônicas. Ela revela a agência, a subjetividade e a capacidade de resistência das mulheres, que, apesar das adversidades, constroem suas vidas e negociam suas identidades. A experiência da pesquisadora, que se insere no campo e estabelece relações de troca e afeto, também se torna parte integrante da análise, evidenciando a subjetividade inerente à produção do conhecimento antropológico e a importância de uma postura reflexiva e ética diante das relações sociais de sexo e das dinâmicas de poder presentes no campo de pesquisa (Goldenberg, 2011). A etnografia, nesse sentido, não é apenas um método de coleta de dados, mas uma ferramenta de desvelamento e contestação das estruturas de poder.

Gabriela⁵, travesti e proprietária de cabaré, representa a subversão máxima dos "3 P's". Casada há 20 anos e respeitada como "pai" por suas filhas, ela gerencia seu estabelecimento com uma ética de cuidado que as instituições formais negam a essas mulheres. Sua atuação política e religiosa (é católica praticante e candidatou-se a vereadora nas eleições de 2024, infelizmente não venceu neste pleito) demonstra que o sagrado e o profano coexistem e se moldam mutuamente no tecido social de Nova Andradina.

Mulheres, como Gabriela, desafiam as expectativas de gênero e as normas sociais, e são exemplos claros de resistência individual e coletiva dentro de um sistema opressor. A experiência de Gabriela, que foge de casa para escapar de maus-tratos e constrói sua vida de forma autônoma, mesmo dentro do contexto da prostituição, ilustra a capacidade de agência, ressignificação do corpo e a busca por dignidade em um cenário de adversidade. Contudo, mesmo em sua autonomia e sucesso, ela ainda enfrenta o estigma e o julgamento, inclusive por parte de instituições como a escola, que expressam preocupação com suas filhas devido à sua "vida". Isso demonstra como a ordem patriarcal se manifesta em diferentes esferas sociais - familiar, educacional, comunitária - perpetuando preconceitos e estereótipos que buscam deslegitimar as escolhas e as existências que fogem ao padrão normativo. A persistência do estigma, mesmo diante de uma vida construída com resiliência, desponta a profundidade das raízes patriarcais na sociedade e a dificuldade de desconstruir essas narrativas dominantes.

A prostituição em Nova Andradina não pode ser reduzida a uma categoria simplista de "desvio moral" ou "vitimização econômica". A ordem patriarcal, embora exerça pressão coercitiva através do estigma, é continuamente desafiada pelas práticas transversais dessas mulheres, que utilizam a sexualidade como campo de negociação de poder e resistência.

⁵ Atribui às interlocutoras, protagonistas deste texto nomes que remetem a personagens femininas da literatura brasileira.



As construções identitárias da cidade, baseadas nos "3 P's", apresentando uma hipocrisia fundacional: a sociedade que condena publicamente a prostituta é a mesma que consome seus serviços e depende dela para manter seus ideais de "família tradicional".

3 RESULTADOS

Os resultados demonstram que a prostituição em Nova Andradina é um campo de forças onde o estigma, a necessidade econômica e a subversão de papéis de gênero se encontram. As narrativas de algumas interlocutoras desconstróem a imagem da "vítima passiva", revelando mulheres que gerenciam suas identidades e corpos em meio a uma estrutura social que as marginaliza, mas que delas depende. Contudo, a própria densidade empírica do campo impede qualquer generalização apressada sobre sucesso ou autonomia financeira, pois ao lado de trajetórias marcadas por relativa estabilidade e capacidade de investimento, emergem histórias atravessadas por urgências materiais constantes, especialmente quando a maternidade impõe despesas inadiáveis e redes de apoio frágeis.

Se para algumas a gestão estratégica do trabalho sexual permite acumulação e certo controle sobre horários e clientes, para outras a presença dos filhos redefine prioridades, limita deslocamentos e intensifica a exposição a riscos e a negociações desfavoráveis; a diferença não reside apenas em habilidades individuais, mas nas condições desiguais de partida, nas marcas de raça, escolaridade, violência prévia e acesso a oportunidades formais de trabalho. Assim, o campo que possibilita subversões e rearranjos também reproduz hierarquias internas e vulnerabilidades específicas, mostrando que a prostituição não opera como experiência homogênea, mas como um espaço onde autonomia e coerção coexistem, variando conforme as responsabilidades familiares, os capitais disponíveis e a posição que cada mulher ocupa na trama social local.

3.1 Agência econômica e a "mina de ouro": o caso de Glorinha

Glorinha, natural de Nova Andradina e atuante em programas de luxo em São Paulo, utiliza o capital erótico para reverter a lógica da precariedade. Sua fala é enfática ao descrever a percepção do próprio corpo como recurso: *"As mulheres têm uma mina de ouro no meio das pernas". Para ela, a prostituição não foi uma "queda", mas uma escolha estratégica para "viver" e não apenas "sobreviver".* Sua narrativa inverte o estigma da vítima: ela se vê como uma empresária de si mesma que construiu sua plenitude em bairros nobres, desafiando a exclusão social.

Ao exigir que a pesquisadora visitasse sua casa apenas após a conclusão da mobília planejada, Glorinha performou sua plenitude e poder. Ela recusa o papel de marginalizada: *"Trabalhar direito é não se envolver com droga, com bebida... Tenho casa, carro, conquistei*



tudo isso sendo prostituta". Sua narrativa inverte o estigma, apresentando a prostituição como o único caminho de ascensão que o mercado formal lhe negou.

Ao afirmar que *"as mulheres têm uma mina de ouro no meio das pernas"*, Glorinha subverte a noção tradicional de que o corpo da prostituta é um objeto de degradação. Em vez disso, ela o posiciona como um capital físico, simbólico e econômico. Essa visão redefine o estigma pois: O que a ordem patriarcal vê como "pecado" ou "desvio", ela vê como um recurso valioso que permite não apenas sobreviver, mas viver com plenitude. Ao exigir pagamento por serviços que a sociedade muitas vezes espera que as mulheres ofereçam gratuitamente por "amor" ou "dever", a prostituta assume uma posição de controle na transação financeira.

3.2 Interseccionalidade e racismo estrutural: a luta de Carolina

A trajetória de Carolina, jovem mulher preta, evidencia como o racismo institucional empurra corpos negros para a informalidade sexual. Mesmo com formação técnica em segurança do trabalho, Carolina foi relegada a funções subalternas em processos seletivos devido à sua cor: *"Quando o gerente olhou para mim, falou que eu tinha mais perfil da cozinha"*.

Sua entrada na prostituição foi motivada pela urgência da maternidade: *"Entrei porque faltou fralda para a minha filha e não tinha outro jeito"*. Carolina traz uma dimensão dolorosa sobre a preferência racial dos clientes no cabaré, sentindo-se invisibilizada em relação às mulheres brancas. Para ela, o trabalho é uma performance afetiva necessária para a sobrevivência da prole, mantendo uma fronteira rígida entre a "puta" no trabalho e a "mãe" em casa.

A história de Carolina permite observar, com nitidez desconfortável, como raça, gênero e classe operam de modo articulado na produção de destinos sociais desiguais. Não se trata apenas de uma experiência individual de discriminação em processos seletivos; trata-se de um mecanismo reiterado pelo qual o mercado de trabalho formal distribui oportunidades a partir de hierarquias raciais naturalizadas, deslocando mulheres negras para posições subalternas ou para fora do circuito protegido do emprego. Quando o gerente afirma que ela "tinha mais perfil da cozinha", ele não descreve uma competência, ele reinscreve uma expectativa histórica sobre o lugar social das mulheres pretas, convertendo racismo estrutural em decisão aparentemente banal. Nesse movimento, a informalidade sexual surge menos como escolha livre e mais como resultado de um campo de forças que restringe alternativas, especialmente quando a maternidade impõe urgências materiais inadiáveis.

Ao mesmo tempo, a forma como Carolina organiza sua experiência revela estratégias de gestão moral e afetiva diante desse campo desigual. A distinção rigorosa entre a "puta" no trabalho e a "mãe" em casa não é simples dissociação; é um arranjo prático que lhe permite sustentar a própria dignidade e proteger o vínculo com a filha em um contexto que a desqualifica racial e sexualmente. A preferência racial dos clientes, que a coloca em posição de



invisibilidade frente às mulheres brancas, atualiza no interior do cabaré a mesma lógica hierárquica que já operava no mercado formal, mostrando que o racismo atravessa diferentes esferas sociais com notável coerência. Encerrar essa discussão implica reconhecer que a trajetória de Carolina não ilustra apenas sofrimento, mas evidencia como o campo patriarcal e racial se reproduz em interseções concretas, ao mesmo tempo em que é tensionado por práticas cotidianas de sobrevivência e cuidado que reconfiguram, ainda que de modo precário, as fronteiras impostas.

3.3 O "dinheiro amaldiçoado" e a sobrevivência: Lucíola

Em contraste com o glamour de Glorinha, Lucíola habita a periferia e vê o sexo comercial como um fardo inevitável. Vítima de estupro na infância e sobrevivente do crack, ela utiliza o dinheiro dos programas para que os filhos não passem fome. Sua fala revela o conflito moral e a urgência do ato: *"Meu programa é R\$ 150,00 e no máximo 20 minutos; quando dura 10 minutos eu saio rezando"*.

Para Lucíola, a prostituição é um *"dinheiro rápido, mas amaldiçoado"*, um meio para um fim: a manutenção do grupo familiar em uma estrutura que a disciplina e a pune simultaneamente. Sua transição posterior para um emprego formal no comércio local simboliza a busca pela "cabeça erguida" em uma cidade que nunca esquece o estigma.

A narrativa de Lucíola demonstra como experiências traumáticas precoces, dependência e precariedade material se entrelaçam para transformar a prostituição em uma estratégia de sobrevivência cujo caráter ambivalente se expressa na ideia de "dinheiro rápido, mas amaldiçoado", e essa ambivalência permite compreender o trabalho sexual como um recurso instrumental e moral ao mesmo tempo; ao enfatizar que os ganhos servem para evitar a fome dos filhos e que o exercício do "programa" vem acompanhado de rituais de expiação, a fala evidencia um modo prático de articulação entre necessidades imediatas e uma economia moral que ainda pune corpos femininos, sobretudo quando atravessados por estigmas de classe, raça e história de violência, tornando visível a forma como práticas de cuidado familiar pressionam decisões que, em situações menos desiguais, poderiam não ser tomadas.

A trajetória posterior de inserção formal no comércio local funciona como índice de uma busca por requalificação simbólica e reconhecimento social, porque a "cabeça erguida" aponta para a tentativa de recuperar uma posição respeitável num mercado e numa comunidade que continuam a lembrar e sancionar o passado; ao mesmo tempo, essa passagem assinala limites institucionais e culturais da mobilidade, já que a memória estigmatizante e a vigilância moral operam como formas de disciplina que acompanham a mulher mesmo após a mudança ocupacional, e esse movimento de transição ilumina uma tensão central para o eixo do congresso: intervenções que aliviem a urgência material sem abordar as marcas do trauma, do preconceito e das redes de exclusão acabam por produzir soluções parciais, enquanto uma análise que integre violência, economia moral e políticas de reinserção pode apontar caminhos



mais robustos para reduzir a coerção estrutural que transforma corpos e vínculos em instrumentos de sobrevivência.

3.4 Subversão da ordem e o cuidado: Gabriela e o Cabaré Glória

Gabriela, travesti e proprietária do Cabaré Glória, é a figura que mais radicalmente desafia os "3 P's" (padre, polícia e puta). Fugida de casa aos 14 anos devido à violência familiar, ela construiu um espaço que funciona como rede de proteção para outras mulheres. "*Não deixo ninguém ficar com fome... fome é triste*", afirma, emocionada, ao lembrar sua própria trajetória.

Casada há 20 anos e chamada de "pai" por suas quatro filhas biológicas, Gabriela subverte as normas de parentalidade ocidental. Ela mantém uma rotina espiritual católica rigorosa, orando na viração do dia. Gabriela não é apenas a "puta" da tríade fundacional; ela é a gestora de um território de resistência que negocia com a moralidade e a política local.

A trajetória de Gabriela desloca a discussão do lugar da vitimização para o da agência territorial, pois ao transformar o Cabaré Glória em espaço de acolhimento e sustento, ela reconfigura uma instituição marcada pelo estigma em uma rede concreta de proteção; quando afirma que não permite que ninguém passe fome, sua fala não opera como gesto retórico, mas como princípio organizador de práticas cotidianas que articulam cuidado, disciplina e pertencimento, e nesse movimento a figura da travesti proprietária desafia a tríade moral dos "3 P's" ao ocupar simultaneamente posições que a ordem patriarcal pretende manter separadas. Fugir da violência familiar e construir um empreendimento que abriga outras mulheres não elimina a estrutura que a expulsou de casa, mas evidencia como sujeitos historicamente marginalizados produzem arranjos institucionais próprios, negociando com polícia, vizinhança e códigos morais locais para sustentar um território possível.

A forma como Gabriela organiza sua vida familiar amplia ainda mais essa subversão, porque ao ser chamada de "pai" por suas filhas e manter uma prática espiritual católica rigorosa, ela combina elementos que a moralidade dominante tende a considerar incompatíveis, produzindo uma parentalidade que não cabe nas classificações ocidentais tradicionais; a disciplina educacional imposta às filhas e o reconhecimento escolar que surpreende professoras locais mostram que cuidado e respeitoabilidade não são monopólios de arranjos heteronormativos, mas podem ser reconstruídos em contextos marcados pelo estigma.

3.5 Memória e longevidade: Dona Izabel e Rita

A pesquisa resgatou histórias de mulheres que viveram a prostituição de forma oculta ou marginalizada ao longo das décadas. Dona Izabel manteve uma vida dupla por anos,



vendendo produtos da Avon como fachada para seus programas, permanecendo ativa até a velhice. Sua história desafia o preconceito contra o corpo envelhecido na prostituição: "*Como assim, velha e puta?*".

Já Rita, mulher preta que viveu na Zona de Baixo Meretrício (ZBM), representa a interseção direta entre os pilares da cidade ao casar-se com um policial, migrando do "P" da puta para o "P" do padre (pelo sacramento) e da polícia. Rita destaca a solidariedade entre prostitutas, que cuidavam umas das outras na velhice, suprimindo a ausência do Estado

A estigmatização das mulheres que se prostituem não é um mero julgamento individual, mas uma manifestação de um sistema social que define, controla e pune a sexualidade feminina. As mulheres, em suas "negociações íntimas de corpos em movimento", demonstram notáveis estratégias de resistência, agência e adaptação diante das imposições sociais, desafiando constantemente as narrativas que buscam desumanizá-las.

Para mulheres como Lucíola e Rita, a prostituição é narrada como um esforço para sustentar o grupo familiar frente à ausência do Estado e à falência de pactos monogâmicos. Elas estabelecem fronteiras claras entre a "performance" profissional e o papel de mãe, utilizando o ganho rápido para proteger a prole da fome.

Um dos resultados mais evidentes da pesquisa é a constatação do profundo impacto do duplo padrão moral. As entrevistas e observações destacaram a existência de uma clara assimetria nas expectativas e julgamentos sobre a sexualidade masculina e feminina. Enquanto a sexualidade masculina é frequentemente tolerada, incentivada e vista como uma necessidade biológica, a feminina é rigidamente controlada, moralizada e punida quando foge das normas estabelecidas de recato e monogamia. A fala de uma das mulheres, "*Ela é puta... o jeito que ele falou... a gente fala que não, mas às vezes a gente fica chateada*", ilustra a dor e a humilhação causadas pelo estigma, mesmo quando há uma aparente aceitação da própria condição. Essa fala, carregada de emoção, evidencia o poder da linguagem e dos rótulos na perpetuação da ordem patriarcal e na produção de sofrimento psíquico.

É importante compreender que o estigma não se restringe ao ambiente da prostituição, mas se espalha por todos os espaços da vida das mulheres. O estigma as acompanha em suas interações cotidianas, em suas relações familiares, em suas tentativas de acesso a outros trabalhos e em sua participação na vida comunitária. A pesquisa identificou a importância das redes de solidariedade e apoio mútuo entre as mulheres como uma estratégia fundamental de sobrevivência e resistência. No cabaré, elas compartilham experiências, trocam informações, se protegem e constroem laços de afeto e cumplicidade que as fortalecem diante das adversidades.

CONCLUSÕES

A estigmatização e o desvio atribuídos às mulheres que se prostituem não são fenômenos isolados ou meramente individuais, mas sim mecanismos de controle social



profundamente enraizados que visam manter a hegemonia masculina e a subordinação feminina. A pesquisa etnográfica, ao mergulhar nas complexidades das experiências dessas mulheres, revelou suas notáveis estratégias de agência e resistência, bem como as formas múltiplas como elas negociam suas identidades em um contexto social adverso e muitas vezes hostil.

Diferente da concepção tradicional da mulher prostituída como "vítima inerente" da ordem patriarcal, as interlocutoras afirmam sua autonomia na gestão de clientes e na busca por liberdade financeira. Elas utilizam a prostituição como uma estratégia de sobrevivência que desafia a imagem simplista de opressão, delineando limites para escapar do estigma e estabelecer suas próprias identidades.

A fundação da cidade sob a tríade "padre, polícia e puta" estabeleceu um sistema de controle social enviesado pela moralidade cristã (o P do padre). Contudo, as trajetórias de mulheres como Gabriela e Angélica demonstram uma reapropriação do termo "puta", transformando o que seria um insulto em uma identidade de resistência que reafirma a importância desse pilar na construção histórico-social da cidade.

As narrativas demonstram que o estigma de prostituta funciona como um instrumento de controle para disciplinar as mulheres que buscam independência. No entanto, as interlocutoras neutralizam essa desaprovação ao "condenar os que as condenam", denunciando a hipocrisia de um sistema que consome seus serviços enquanto as marginaliza publicamente.

A maternidade surge como um elemento paradoxal: ao mesmo tempo em que as coloca sob o julgamento da "boa mãe" vs. "puta", serve como o motor para a agência econômica. Como visto no caso de Carolina, a prostituição é narrada como uma performance afetiva que garante o sustento da prole, unindo o "P de puta" à responsabilidade sagrada do "P de padre".

A "prostituição" é uma categoria socio-política utilizada para controlar corpos femininos que se desviam das normas de gênero. O estigma exerce uma pressão coerciva, mas as práticas dessas mulheres são "transversais": elas não se limitam a seguir as regras, mas as manipulam e subvertem para habitar seu próprio lar e identidade.

A construção social da identidade, permite compreender que o estigma não é apenas uma característica individual ou um rótulo atribuído, mas um processo social dinâmico que reflete, reforça e reproduz as normas de gênero. as mulheres de Nova Andradina não estão à margem da sociedade; elas estão estrategicamente integradas a ela, desafiando a ordem patriarcal a cada negociação íntima. Como sugere a canção que encerra este percurso, a carne e a casa não as definem; elas são seu próprio lar e autoras de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

BECKER, Howard Saul. **Outsiders**: estudos da sociologia do desvio. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008.



BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARDENAL, Jozieli; CORONA, Hieda Maria Pagliosa; WEDIG, Josiane Carine. Um olhar decolonial sobre pioneirismo e gênero no sudoeste do Paraná. **Desenvolvimento em Questão** Editora Unijuí, ano 23, n. 62, 2025.

COLLING, ANA Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção do corpo feminino na história. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

DIAS, Mary Celina Ferreira. **Negociações íntimas de corpos em movimento**: narrativas sobre a prostituição de mulheres em Nova Andradina-MS. 2024. 121 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2024.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 2**: o uso dos prazeres. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Editora Record, Rio de Janeiro. 2011.

MARTINS, Eduardo. **Ofaié**: eu estou na estrada – hägaté te tahfwa (Nova Andradina e Vale do Ivinhema). Campo Grande – MS : Life Editora, 2022.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história**: uma introdução teórico metodológica. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003. 144 p. (Antropologia social).